

Sobre conselhos artísticos, sociais e individuais: Um texto inacabado de Fernando Pessoa

Victor Correia*

Keywords

Fernando Pessoa, literature, onanism, metaphor.

Abstract

Part of a set of fragments, the text presented here is little known. It is both untitled and has no authorship attribution. The text opens by talking about a particular kind of sex life in the literal sense of the word (onanism). It then focuses on “psychic onanism,” associating it with a certain type of literature, which Fernando Pessoa criticizes through that specific metaphor.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, literatura, onanismo, metáfora.

Resumo

Apresentamos aqui um texto muito pouco conhecido que faz parte de um conjunto de fragmentos. Trata-se de um texto sem título, que não é de Fernando Pessoa ortónimo, mas que também não tem atribuição autoral. O texto começa por falar de determinado tipo de vida sexual, no sentido literal do termo (o onanismo), para seguidamente se centrar no “onanismo psíquico”, associando-o a determinado tipo de literatura, criticada por Fernando Pessoa através dessa metáfora.

* Universidade Nova de Lisboa.

No espólio pessoano existe um conjunto documental (BNP/E3, 14⁴-29 a 32), constituído por quatro folhas, em que se encontram quatro fragmentos textuais, datáveis de 1914: para além de um pequeno fragmento inédito, que se intitula *Características da masturbação na literatura* (14⁴-32^v), figuram também rascunhos de textos intitulados *Considerações psiquiátricas sobre a nova literatura portuguesa*, tema que Fernando Pessoa desenvolveu em alguns dos seus textos (cf. *Escritos sobre Génio e Loucura*, 2006a), sob influência de Max Nordau¹ e outros autores presentes na sua biblioteca particular; um apontamento solto sobre «a regressão mística do século XX»; e algumas linhas intituladas *O romantismo português*². Trata-se de fragmentos inacabados, isto é, de “partes” que não pertencem à categoria dos fragmentos enquanto forma literária³, e são antes rascunhos de projetos não acabados que Fernando Pessoa mal chegou a iniciar.

De entre esse conjunto documental, o rascunho que se estende pelas primeiras três folhas (BNP/E3, 14⁴-29^r a 31) tem determinadas especificidades que motivam os nossos comentários: por um lado, não tem título; por outro, não tem referência ao autor. Em relação ao facto de Fernando Pessoa não lhe ter atribuído um título, poderá ter sido algo intencional, ou não, como sucede com outros textos de Fernando Pessoa, que não têm título. Isso poderá também ser revelador do inacabamento deste texto, mas não necessariamente, pois em Fernando Pessoa há textos inacabados que têm título, como por exemplo o texto *Características da masturbação na literatura*, assim como textos acabados que não têm título (por exemplo muitos dos seus poemas).

Poderíamos colocar como título a primeira frase do texto, como fazem alguns estudiosos e decifradores dos textos de Fernando Pessoa, e nesse caso ficaria assim : “No fundo, o que eles todos precisam é – além de aprender português – de ter uma vida sexual normal”. Não nos parece que este título seja o mais apropriado, pois por um lado seria um título extenso, e por outro lado – e sobretudo - porque não traduz a ideia principal do texto, dado que a vida sexual, referida no início do texto, é apenas uma introdução para Fernando Pessoa falar da masturbação, que, como se percebe no decorrer do texto, é aquilo a que o autor chama “masturbação em literatura”. Em alternativa, poderíamos colocar por cima

¹ Max Nordau (1849-1923) foi um médico e escritor húngaro de origem judaica. Na sua obra mais célebre (*Degenerescência*), o autor critica os chamados *desvios* no sentido estético, associando a genialidade literária e artística a uma personalidade perturbada mentalmente. Segundo Nordau, por detrás da criação literária e artística estariam pessoas também degeneradas moralmente.

² Estas linhas pertencerão a um projeto de uma obra sobre a literatura portuguesa, que conteria um capítulo dedicado ao *Romantismo português*.

³ Como sabemos, um fragmento não é apenas algo que resta, ou que não chegou a ser acabado. Recorde-se que um fragmento é também uma forma específica de escrita, um estilo, uma forma própria de escrever, utilizado por alguns escritores, de que são exemplo a obra dos românticos alemães, como Novalis, August Schlegel e Friedrich Schlegel, ou também utilizado por alguns filósofos, como por exemplo Friedrich Nietzsche ou Walter Benjamin, onde a descontinuidade e o inacabamento fazem parte da própria estética literária.

do texto a seguinte frase: “Sem título”, como por vezes também acontece com outros textos. Todavia, corre-se o risco de nos confundirmos, se adotarmos esse procedimento sempre que estivermos perante um texto sem título, pois no espólio pessoano há muitos textos sem título, e ao colocarmos a designação “Sem título” ficamos sem saber qual texto é. Uma outra alternativa seria colocar as próprias cotas das folhas, tratando-se de Fernando Pessoa. Todavia, colocar uma série de cotas como título, seguindo apenas um critério de inventariação, também não nos parece apropriado. Uma outra alternativa será darmos um título ao texto, dado que Fernando Pessoa não o fez. Por isso seguimos uma sugestão do investigador que decifrou e transcreveu este fragmento (Pizarro, 2007: 213-215; transcrição revista para este artigo), dando-lhe o seguinte título: *Conselhos artísticos, sociais e individuais*. É um título apropriado, pois expressa o propósito do texto, na respetiva introdução, em que se referem esses mesmos conselhos, e que Fernando Pessoa afirma que se propõe desenvolver nesse texto.

Por outro lado, o tema do texto é semelhante a outros “conselhos” que Fernando Pessoa escreveu, como por exemplo os *Conselhos às mal casadas* (incluídos em quase todas as edições do *Livro do Desassossego*, excepto a primeira), em que se aconselha as mulheres mal casadas a pensarem noutro homem, quando estão sexualmente com os seus maridos. Todos estes “conselhos” são análises racionais da sexualidade e do desdobramento do eu. Daí que se verifique uma relação temática também entre os *Conselhos artísticos, sociais e individuais* e o texto intitulado *Características da masturbação na literatura*, em que se afirma que “onde existe desdobramento do Eu, existe, ou existiu e ficou gravada, masturbação”.⁴

Refira-se no entanto que, embora o texto distinga conselhos artísticos, sociais, e individuais, e se proponha falar sobre cada um deles, só fala nos artísticos (e muito brevemente) e depois desenvolve um texto a falar sobre os conselhos individuais. Pela ordem anunciada, depois de ter falado dos conselhos artísticos, deveria ter falado dos conselhos sociais, mas passa logo aos individuais, e durante o texto não indica quais os conselhos sociais. Este facto revela portanto que não falou dos conselhos sociais, ou que os misturou com os individuais, sem conseguirmos distinguir entre uns e outros. Isto poderá também ser revelador do facto de ser um texto inacabado.

Em relação ao facto deste fragmento não ter referência ao autor, os outros fragmentos aqui indicados também não a têm, e quando não se tem autor atribuído, considera-se que é do ortónimo. Todavia, esse fragmento fala (e mais do que uma vez) do sr. Pessoa, referindo-se a ele como se fosse um outro indivíduo,

⁴ Eis o fragmento completo: “*Características da masturbação na literatura*: (1) Desdobramento do eu. Onde existe d[esdobramento] do Eu, existe, ou existiu e ficou gravada, masturbação. (2) Sentimentos para consigo próprio como para com outros. *Desprezo* ou *ternura* por si próprio – no 1º caso, a tendência é por *política activa, no 2º por *p[olítica] passiva. (3) O destrambelhamento das imagens, a inatensão aos rhythms, a precipitação na fórmula, parecendo que se está gritando”. (BNP/E3, 144-32v, agradeço a ajuda de Jerónimo Pizarro).

por isso não é do ortónimo, mas de um heterónimo ou autor fictício. Sendo assim, de qual deles será? Poderá ser de Ricardo Reis, devido ao facto do tema desse fragmento (a masturbação e a literatura) já ter sido abordado por Ricardo Reis, por exemplo no texto que começa: “A moderna literatura é uma lit[eratur]a de masturbadores” (in Lopes, 1990: II, 355), e porque um dos “Estudos neo-clássicos” de Ricardo Reis intitular-se-ia *A arte moderna produto de masturbação* (Pessoa, 2003b: 290).

No entanto, há mais textos onde se fala de masturbação, e que não são de Ricardo Reis, como por exemplo, nas comunicações mediúnicas: “[...] nunca experimentes sexo com homem. Homem é apenas um homem – a masturbação não é nada” (Pessoa, 2003a: 309). O texto que começa “A mulher virgem, em geral, não ama o homem com quem se casa”, também se refere a esse temática; ali se lê que “a sexualidade pode ser satisfeita – mal, mas em todo o caso satisfeita, pela própria masturbação” (in Lopes, 1993: 132). E existe também uma espécie de aforismo muito citado: “O desdobramento do eu é um fenómeno em grande numero de casos de masturbação” (in Lopes, 1990: II, 477).

Ora, neste texto (*Conselhos artísticos, sociais e individuais*) defende-se que, em vez da masturbação, se tenha “uma companheira bela e sadia”. Isto pode não favorecer a hipótese de Ricardo Reis como autor do texto, porque, por um lado, Ricardo Reis escreveu alguns poemas em que defende de forma explícita o homoerotismo, e, por outro, escreveu textos em prosa em que exalta a beleza grega. Acresce que Álvaro de Campos nos revela que os nomes de “Lídia”, e de “Cloe”, empregues nas *Odes* de Ricardo Reis, são disfarces que são dirigidos a um rapaz, e que “as figuras das amadas, que aliás não existem como figuras, nos versos de Ricardo Reis são abstrações às avessas, ou vistas do avesso” (Pessoa, 2014: 498).

Porém, defender que o texto *Conselhos artísticos, sociais e individuais* não é de Ricardo Reis, constitui uma interpretação literal do conceito de “masturbação”. Quando nesse texto se defende a sexualidade com mulheres, em vez da prática da masturbação, é normal que daí resulte uma interpretação literal. Mas na continuação do texto, vem-se a verificar que o conceito de masturbação tem um outro significado, que é semelhante àquele de que Ricardo Reis fala em outros textos, quando afirma que a moderna literatura é uma literatura de masturbadores. O que significa então a ideia de que a literatura é uma forma de masturbação, defendida não apenas nesse texto, mas também por exemplo no fragmento intitulado *Características da masturbação na literatura?*

Existe uma expressão, não apenas na língua portuguesa, como também noutras línguas, por exemplo na língua francesa, e que portanto não é de Fernando Pessoa, que é a de “masturbação intelectual”. Esta expressão é utilizada em sentido pejorativo, como referência a algo não fecundo e não produtivo, nomeadamente o raciocínio ou o pensamento cujo principal objetivo é a autosatisfação, sem levar a

lado nenhum. Em literatura pode ter diferentes interpretações, como por exemplo a literatura como mero entretenimento, e não por vocação literária ou por apelo existencial ao ato da escrita. É uma forma de dizer que quem pratica essa literatura não é realmente um escritor, assim como dizer que quem pratica masturbação não chega a praticar uma sexualidade real, mas sim virtual. Nesse caso, dado que o tema é o mesmo (a identificação metafórica de determinada literatura como um ato gratuito de masturbação), o autor deste texto poderá ser Ricardo Reis, dado o facto de haver mais textos em que Ricardo Reis estabelece essa comparação. Além disso, este texto (*Conselhos artísticos, sociais e individuais*) tem também a preocupação do purismo linguístico, pois ao mesmo tempo que critica determinada literatura como um mero ato de masturbação, manda aprender Português. Finalmente, este texto também recomenda que se leiam os autores clássicos, por isso pode ser um texto do classicista Ricardo Reis.

Há razões para defender que este texto não é de Ricardo Reis, e outras para defender que é dele, e ambas têm a sua justificação. Seria melhor não defender nem uma coisa nem outra. Em alternativa, poderíamos criar para esse texto, assim como para outros textos de Fernando Pessoa que não são do ortónimo, e cujo heterónimo desconhecemos, a designação de “autor fictício não identificado”. Poderíamos assim *inventarmos* nós próprios uma nova *máscara* para Fernando Pessoa, um autor fictício para os textos não identificados, um desdobramento para os esboços heterónimos. Porém, isso traria problemas semelhantes à classificação de um texto sem título intitulando-o “texto sem título”, pois assim como em Fernando Pessoa há vários textos sem título, também há vários textos que, embora saibamos através do seu conteúdo que não são do ortónimo, não sabemos a quem pertencem, como por exemplo alguns textos sobre a revista *Orpheu*, nomeadamente um texto em contestação a essa revista, e portanto em contestação ao próprio Fernando Pessoa⁵. A não atribuição de nome ao heterónimo, ou à personalidade fictícia, suscitada pelo texto *Conselhos artísticos, sociais e individuais*, é portanto um problema que se estende a mais textos de Fernando Pessoa, e que merece ser desenvolvido noutra oportunidade.

Além da masturbação constituir um dos aspetos do desdobramento do eu, conforme salientado no texto *Características da masturbação na literatura*, no texto *Conselhos artísticos, sociais e individuais* esse desdobramento está também presente, ao fazer-se a distinção entre “onanismo físico” e “onanismo psíquico”. Este texto não explica a diferença, certamente porque a diferença já está implícita no que diz mais atrás: primeiro, porque recomenda a sexualidade com mulheres, em vez da

⁵ Por exemplo o seguinte excerto: “Acaba de aparecer p’ra ahi o segundo numero d’uma revista de *mulheres* chamada *Orpheu*, empestando a atmospheria e até as proprias pedras bradam ao ceu por causa d’aquillo. | Os *sucios*, trajando de artistas, que andam por ahi a fingir de homens por fóra □ [...] Invertidos a querer crear uma literatura social, é a primeira vez que se vê desde que o mundo é mundo. O que toda esta cáfila de degenerados pensa fazer com a s[ua] literatura não se sabe! | É para que o publico os conheça. É preciso que saiba quem é que está lendo” (Pessoa, 2009: 61-62).

prática da masturbação (e este será o onanismo físico); segundo, porque na continuação do texto se fala em pôr a palavra “onanismo” por baixo dos textos de má prosa (e este será o onanismo psíquico). É estranho ser o próprio Fernando Pessoa a criticar-se a si próprio enquanto autor de má prosa, mas é uma afirmação de um autor fictício. Como é sabido, é frequente a situação em que um heterónimo critica o ortónimo (Fernando Pessoa). Por exemplo, na polémica entre Álvaro de Campos e Fernando Pessoa, a propósito da chamada “literatura de sodomia”, Campos escreve ao diretor da revista *Contemporânea*, José Pacheco, a criticar o próprio Fernando Pessoa, que defendia o esteticismo como justificação da literatura de António Botto, defendendo a separação entre arte e moral.

O texto que aqui resgatamos termina falando na histeria do sr. Pessoa. O conceito de histeria também pode ser interpretado no sentido literal ou metafórico. Há muitos textos em que Fernando Pessoa se considera histérico, por exemplo quando fala do seu heterónimo Álvaro de Campos (“o mais historicamente histérico de mim”), ou quando fala de si próprio (numa carta a Mário de Sá Carneiro confessa ser um histero-neurasténico). Portanto, o conceito de “histeria” pode ter um significado duplo. A histeria, em sentido literal, tem a ver com uma neurose, por causa da repressão de sentimentos (tradicionalmente atribuída à psicologia feminina). A histeria, em sentido metafórico, é a intensidade – teatral, sensacionista – de alguns versos de Álvaro de Campos, como por exemplo na *Ode Triunfal* (“sentir tudo numa histeria de sensações”), ou na *Ode Marítima* (“Minha vida toda, no seu conjunto nervoso, histérico, absurdo”).

Daqui resulta todavia a dificuldade em ver quando e como estes e outros estados psíquicos de Álvaro de Campos são uma metáfora da literatura, assim como ver quando e como a própria literatura (de Álvaro de Campos ou de outros heterónimos), é uma metáfora da sexualidade. Isso acontece não apenas com os conceitos de “masturbação”, ou de “histeria”, aqui vistos, mas também com os conceitos de “decadência”, ou de “degenerescência”, que estão também muito presentes nos escritos pessoanos. Por exemplo, Jean Seul de Méuret, um dos heterónimos de Fernando Pessoa, afirma que a degenerescência “não é senão uma sexualização da arte, metendo o instinto sexual em vez do instinto estético” (Pessoa, 2006b: 54). O mesmo se pode afinal dizer do conceito de masturbação, de que fala o texto *Conselhos artísticos, sociais e individuais*, e do texto que faz parte do mesmo conjunto de fragmentos, intitulado *Características da masturbação na literatura*. Não são apenas metáforas, mas também eufemismos, em que Fernando Pessoa ao falar de sexualidade fala de um determinado tipo de literatura, e ao falar de literatura fala de um determinado tipo de sexualidade.

[Conselhos artísticos, sociais e individuais.]⁶

[14⁴-29^r a 32^v. Texto sem título nem atribuição. Datável de 1914. Poderá ser atribuído idealmente a Ricardo Reis. Lembro que encimado pela indicação “RR” (Ricardo Reis) existe um texto que começa “A moderna literatura é uma lit[eratur]a de masturbadores”, que foi fac-similado por Teresa Rita Lopes (1990: II, 356), em *Pessoa por Conhecer*, e que se encontra no mesmo tipo de folha de agenda de um aforismo conhecido: “O desdobramento do eu é um fenómeno em grande numero de casos de masturbação” (1990: II, 477). Não terá sido Reis a única figura a interessar-se por este assunto, mas é também a este heterónimo que Pessoa atribui um “estudo neo-clássico” intitulado: “A arte moderna producto de masturbação” (76A-61^v).]

[Nas quatro folhas que servem do suporte ao texto ora apresentado existem: (1) o rascunho de um escrito intitulado “Considerações psiquiátricas sobre a nova literatura portuguesa”; (2) uma lista de três características da masturbação na literatura – a primeira, o desdobramento do eu: “Onde existe desdobramento do Eu, existe, ou existiu e ficou gravada, masturbação”; a segunda, os sentimentos para consigo próprio como para com outros; a terceira, o destrambelhamento das imagens, a inatenção aos ritmos e a precipitação na forma –; (3) um apontamento solto sobre a regressão mística do sec. XX; e (4) um trecho sobre o romantismo português.]

No fundo, o que elles todos precisam é – além de aprender portuguez – de ter uma vida sexual normal, de trabalhar, de lidar com gente que nunca viu o seu nome impresso, de □

Algun d’elles que acaso leia⁷ este opusculo, medite no que lhe digo, e não duvide de m[inha] sinceridade. Se um lê⁸, é em nome da arte que lhe peço que transmita o meu conselho aos seus camaradas.

Os meus conselhos são poucos e simples. Dividil-os-hei, em homenagem ao snr. F[ernando] P[essoa], que divide tudo em 3 partes (colocando 1 2 3), em *artísticos, sociais e individuais*.⁹

Os *artísticos* são – que aprendam bem portuguez, que leiam os classicos □

Os *individuaes* – que usem de mulher com regularidade e sem timidez. A mulher nada é de realmente terrível. E, mesmo como cousa esthetica, espasmo por espasmo, é preferível decerto¹⁰ o que se divide com uma companheira bella e sadia do que o que se provoca a si-proprio. Se alguns dos meus visados nunca experimentaram o contraste, creiam que devem orientar a sua vida para o experimentar o mais depressa possível. Creiam que uma vez feito isso, deixarão de achar graça a seios dourados, a □

⁶ Edição de Jerónimo Pizarro

⁷ <Se> <a>/A\lgum d’elles <ha>/que\ acaso leia

⁸ <Creia> Se um lê

⁹ [↑ que divide tudo em 3 partes (colocando 1 2 3)], em *artísticos, sociais e individuais*.

¹⁰ <talvez> [↑ decerto]

[30^v] No theorista do super-Camões ha um real poder de raciocinar, mas totalmente desvirtuado, cuspidos da quadriga da Logica¹¹. Um raciocinio apressado, que salta os obstaculos, em vez de os remover, □

Veja-se para verificar quanto as qualidades (que já dissemos crêr verdadeiras) de raciocinio do snr. F[ernando] P[essoa] são viciadas por defeitos fundamentaes do seu espirito, este paragrapho, que fecha um assaz miudo raciocinio, no qual¹², porem, a lucidez é futilidade em toda a extensão do desenvolvido¹³, pela pressa em □

Aqui ha uma confusão entre raciocinio e sentimento. O cerebro não resiste mais a mantel-os aparte. Com um curioso impulso deixa-os abraçar em publico. N'esta manifestação de raciocinio sente-se o cerebro degenerado que não pode com o peso da logica que quér ter e se deixa cahir sob o fardo, de repente, n'um gesto de abatimento completo. E sente-se tambem a pressa, a preia de "acabar", do debil cuja atenção não quer ter o trabalho de lhe acompanhar e apertar os raciocinios, e a quem falta¹⁴ o equilibrio para meditar profundamente um assumpto e só [32^v] escrever sobre elle quando o tem prompto¹⁵ "na cabeça". Perguntando alguém a t quando □

[30^v] Tudo isto acontece ao pobre rapaz (F[ernando] Pessoa) porque elle não está habituado a raciocinar senão, naturalmente, para as tabuas do tecto do seu quarto¹⁶. Não tem a noção de como outras pessoas possam encarar o que elle expõe. Apesar de ser da geração dos que andam sempre a afastar-se de si proprios, dos que teem gonzos na alma para fins de um desdobraimento constante, não lhe ocorre desdobrar-se para normal.

Mas o facto é que nenhum d'estes jovens possui a sufficiente noção da "gente" da "vida" para saber encarar, ao escrever, o effeito da sua propria obra.

Já se não pode tão categoricamente¹⁷ escrever "onanismo" por baixo dos trechos de má prosa que constituem, por emquanto, a "obra" do snr. F[ernando] P[essoa]. A psyche d'este individuo¹⁸ é muito difficil de definir, não é, se a expressão se permite, soluvel em [analyse].¹⁹

¹¹ cuspidos da quadriga <dos seus> da Logica] *com sinal de hesitação à esquerda.*

¹² <salvo> [↑ no qual]

¹³ desenvolvido] *sobre um traço horizontal cortado, indicando hesitação.*

¹⁴ e <cuja vontade> a quem falta

¹⁵ Quando<, > <como> o tem prompto

¹⁶ para as tabuas do tecto do seu quarto] *na margem esquerda lê-se uma indicação em inglês ("stray"?).*

¹⁷ Já não² se¹ pode tão <sober> categoricamente

¹⁸ <Ainda que maus como raciocin> [↑ A psyche d'este <escr> individuo]

¹⁹ não é, <soluvel em analyse>, por assim dizer [↑ se a expressão se permite], soluvel em] *acrescentamos a palavra "analyse" que faltará por lapso.*

A razão é esta. Ainda que má prosa²⁰ e mau raciocínio sejam os artigos “messianicos”, e má prosa e falsa arte seja²¹ a *Floresta do A[lheamento]* [31] não se pode deixar de reparar no facto anormal²² – muito anormal mesmo – da extraordinária falta de semelhança²³ entre os dois generos de “literatura”? Confesso ter, ao principio, hesitado em acreditar na identica autoria de um e outro²⁴. Mas uma analyse phraseologica habilitou-me a ter por legitima a identidade das assignaturas.²⁵

No snr. F[ernando] P[essoa] o que ha é, não tanto onanismo *physico*, mas uma especie de onanismo *psychico*. A sua hysteria é patente no desdobraimento da individualidade de que fallámos ha pouco²⁶. Outro elemento notavel é a atmosphaera de cansaço que envolve a *Floresta*. Pode ser, é certo, que esse cansaço seja pura attitude²⁷. No²⁸ artigo de abertura de uma secção B[alança] de M[inerva] n’um semanario casual de Lisboa²⁹, este mesmo autor põe-se em pose deante dos leitores. Não é³⁰ porisso difficil de crêr que de pura attitude³¹ seja a *Floresta* e o seu tedio. É isso mesmo que sou levado³² a crêr pela observação, que já fiz, da hysteria d’este auctor. Na hysteria o desdobraimento e □ de personalidades diversas envolve – como é aliás evidente – a³³ falsidade de cada uma d’essas individualidades.

²⁰ <Porque,> [↑ A razão é esta.] <a>/A\inda que má prosa

²¹ sej<am>/a\

²² <extranho> facto anormal

²³ [↑ falta de] <des>semelhança

²⁴ autoria de <uma> [↑ um] e outro<s>

²⁵ a <acreditar> ter por <certa a> legitima a identidade da[s] assignatura[s].

²⁶ [↑ de] que fallámos ha pouco

²⁷ pose [↑ attitude]

²⁸ <N’um> [↑ No]

²⁹ n’um semanario casual de Lisboa] referênciã ao artigo “Aferição”, publicado por Fernando Pessoa em Teatro: jornal de arte (22 Nov. 1913).

³⁰ Não <será> [↑ é]

³¹ [↑ de] pura pose [↑ attitude]

³² <nos> [↑ <somos> ↑ sou] leva[do]

³³ uma [↑ a]

144-29

Seu fim, o que elle tem, precisa de
alguem d'apreciar patyng - de ter uma
vida normal, de trabalhar, de
lidar com gente que venha em o seu nome
viremos, de

A Alguns d'elles que agora leem este opusculo,
envia-se por elle a pi, e vai sendo de
solidariedade. ~~Seu~~ Se em lei, e em nome
da arte por elle que transmite o
conhecimento aos seus camaradas.

Os meus conselhos são poucos - ^{simples} ~~que dirigidos~~
dividit-a-hi, em homenagem ao ~~o~~ T.P., ~~sem~~
antecipar, sempre, e individualmente.

Os antecipar são - que apresentam seu patyng,
que lidam os direitos

Os sempre - que usam a palavra com repe-
tibilidade e sem timidez, a palavra usada
de realmente termit. E, nem como com
atentiva, apenas por apenas, e proprio ~~tal~~
o que se divide com uma compartilhada littera
e salda de por o que se passa e no proprio.
A alguns dos seus vidados sem esperimentar
o contrato, acari por duas orientar a meu
vida para o esperimentar mas de aprem
possit. Acari por aprem o fato em, divisão
de outra parte a meus dirigidos, a



Fig. 1. BNP/E3, 144-29.

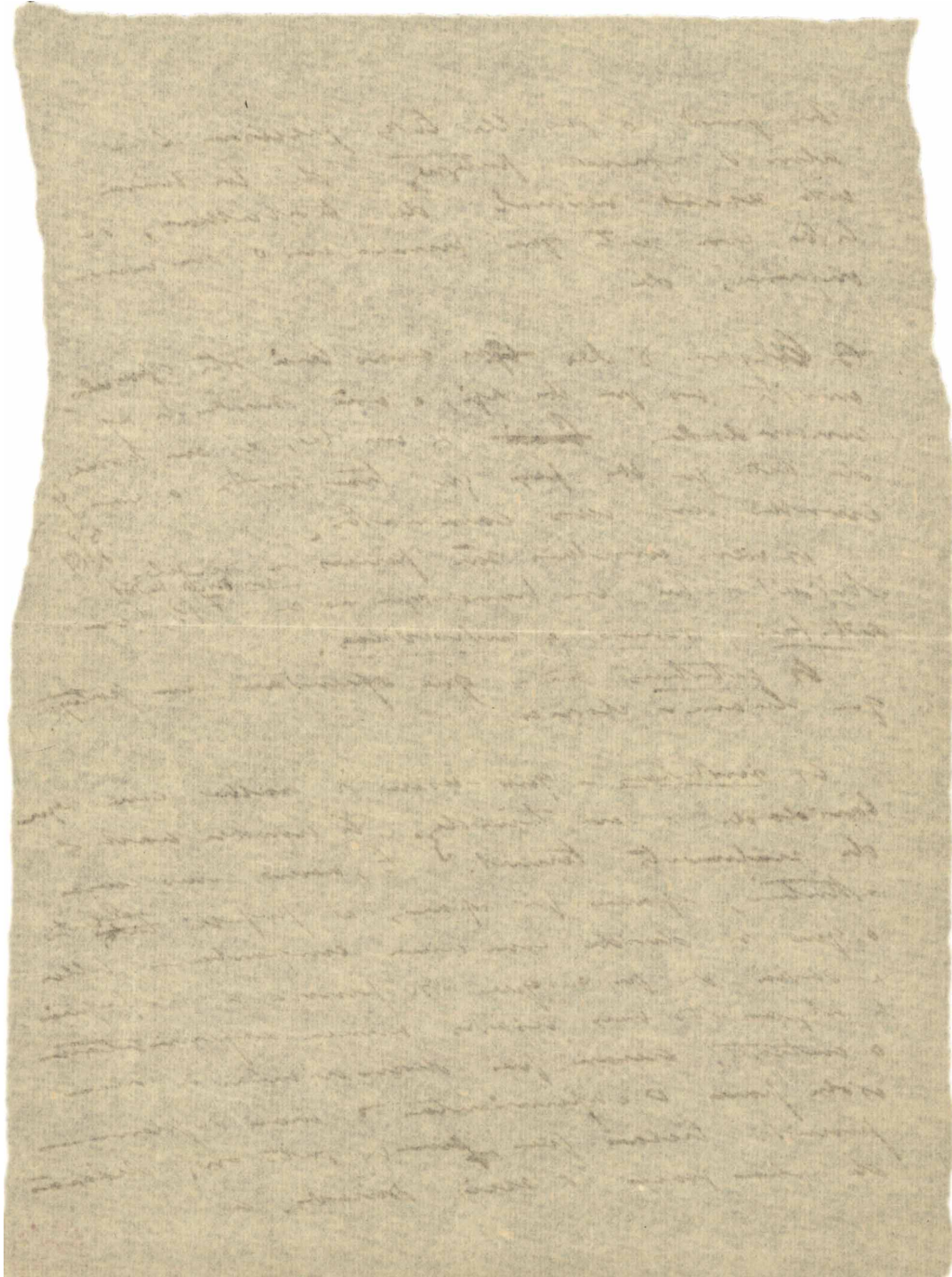


Fig. 2. BNP/E3, 14^a-29^v.

A. 14^h-30

BIBLIOTECA NACIONAL

Tais são sentidas as palavras (P.P.M.)
 porque elle não está habituado a socie-
 dades novas, naturalmente, para os
 fallos do texto de um quarto. Não tem
 a noção de como outros pensam por isso
 encara o que elle escreve. Apesar de
 ser da geração dos que andam sempre
 a afastar-se de si próprios, não tem
 coragem de olhar para trás de uma dor-
 bamento constante, não ha occasi-
 ões de olhar para normal.

Mas o facto é que nenhum dos outros pensam
 para a sufficiente noção da "parte" da
 "vida" para saber encara os seus, o
 effeito da sua própria obra.

Já (não se) pode ter esta categoricamente
 como "monstruosa" por causa dos textos de um
 para que constitem, por enquanto, a "obra"
 de um F.P. ~~Como se fosse d'isto com indivíduos~~
 e muito deffinito de definir, não é ~~estudo~~
~~uma análise~~ a respeito de ~~esta~~ ~~estudo~~
 a respeito de ~~esta~~ ~~estudo~~ em
~~estudo~~ ~~estudo~~ ~~estudo~~ que não para
 mas raras vezes sejam os outros "monstruosos"
 e não para a pra arte de ~~estudo~~ a ~~estudo~~ ~~estudo~~

Fig. 3. BNP/E3, 14^h-30^r.

No theatro da opera - Comico ha uma real falta
 de coisencias, mas totalmente permitidas,
 e compo da quadriga farsica da lesica.
 Uma coisencia esperada, - que salta a distancia,
 em vez de a mesma,

Vozes para compo quanto os qualros (que
 ja os mesmos em outros) de coisencias do m.
 Feb no mundo por defecto fundamental de an
 spito, de fopha. No falta um org muito
 coisencia, ~~nao~~ para, a lenda e patida.
 em ta a retina do documentos, pela
 pena em

Aqui ha uma composico entre coisencias e
 sentimentos. O unico em resto mas -
 mantem aparte. Com uma curiosa impudencia
 deca - a aboza em publico. N' sta a propo
 fu a coisencia nat - a com sequencia
 que nao pode com o pens da logica que seria
 to e a sua colhe no o prob a reput,
 a com pto de atatemente completo. E
 tanto a toda a prova, a prova a acubna; do
 N'it cuji attema non quer ter o trabalho
 de lhe acompanhar e aparte a coisencias,
 e seja ~~entao~~ a quem falta o equilibrio para
 manter profundamente um conto - si

Fig. 4. BNP/E3, 14^a-30^v.

Considerações psychiatricas sobre a
 nossa literatura portugueza.

Cap. I. Psychiatria e critica literaria

He o seu puer de depreçao
 que intem - a actual

(a) Depreçao ancã do meu e expõe.
 467 ~~do~~ ~~meu~~ ~~de~~ ~~criação~~
 caí.

Fig. 6. BNP/E3, 14^a-31^v.

2

30000 rta de quant. como o tem pinto "na
 calha". Perguntado alguma a Herculano qual

I. O romantismo português.

O romantismo até nós a situação da
 sociedade portuguesa pode descrever-se como
 sendo uma propagação viciada de soluções
 erradas para problemas, de ^{ti} mal feitos.
 Desde o seu phenomeno "constitucionalismo"
 até ao phenomeno "Revolutionary Portugal" não
 temos feito senão resolver problemas de que
 não tinhamos a solução completa (-, part.,
 parcial) mediante soluções que nem sequer
 com o problema, ^{ajuda} como ^{ajuda} antecipada por nós,
 antecipada.

Fig. 8. BNP/E3, 14^a-32^v.

Bibliografia

- LOPES, Teresa Rita (1993) (coord.). *Pessoa Inédito*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ____ (1990). *Pessoa por Conhecer*. Lisboa: Estampa. 2 vols.
- PESSOA, Fernando (2014). *Obra Completa – Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china.
- ____ (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. X.
- ____ (2006a). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. VII.
- ____ (2006b). *Obras de Jean Seul de Méluret*. Edição de Rita Patrício e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. VIII.
- ____ (2003a). *Escritos Autobiográficos, Automáticos, e de Reflexão Pessoal*. Edição de Ricard Zenith, com a colaboração de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (2003b). *Ricardo Reis – Prosa*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1986). *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- PIZARRO, Jerónimo (2007). *Fernando Pessoa: entre génio e loucura*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Coleção “Estudos”, vol. III.